

RELATO CRÍTICO

Disciplina: Formas, Processos e Estados de Cultura na Atualidade

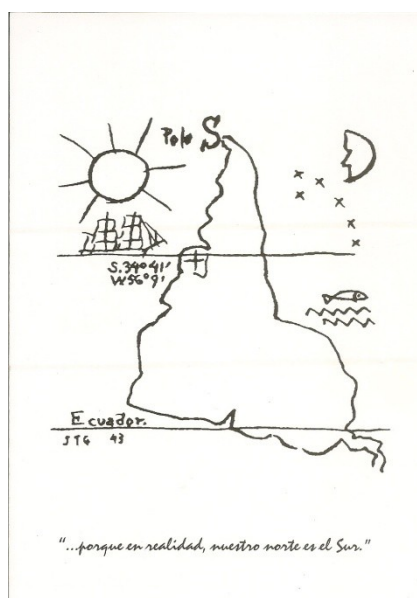
Professor: Martin Grossmann

por: David Auter Tavares nº USP 6855252

Um passagem pelas paisagens urbanas da cidade de Buenos Aires. O encontro entre várias tendências da arquitetura. A urbanização desordenada. E em meio à crise que assolava Argentina, diversos espaços não preenchidos por propagandas e anúncios. Vazios que se percebem também dentro dos dois personagens que vivem solitários em suas “caixas de sapatos” na cidade de Buenos Aires. Assim começa o filme Medianeiras, apresentando os personagens e seus vazios e contradições, que vivem solitários diante de computadores onde todos se conectam. Com essa primeira obra dá-se o início da disciplina.

Começamos a discussão sobre a sociedade argentina, sua formação, suas características. A herança negra de seu tango, e sua triste história de limpeza étnica através da formação de suas linhas de frente na guerra.

Foi apontado o texto de Octávio Paz, um dos primeiros autores latino-americanos que pensou a modernidade em nosso território. Foi também apresentado a figura de Torres Garcia, *Nuestro Norte és el Sur*, quando se representa a América do sul como centro das atenções.



Chegamos, pois, à Beatriz Sarlo. Em seu texto *Modernidade Periférica* aponta a Argentina na modernidade, entre as décadas de 1920 e 1930. A efervescência da cidade nesta época e o impacto na vida intelectual dessas gerações será seu tema de

estudos. Sarlo traz as representações pela cidade confrontando diferentes autores como Castelnovo, Yunque, Barletta, Borges, Girondo, e etc., Sarlo apresenta a cultura “periférica” com empréstimo de conceitos importados.

Mas o que é modernidade? O que é ser moderno? Para Marshall Bermann “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo”. A modernidade, segundo ele, tem início tímido e incerto entre os séculos XVI e o fim do século XVIII, quando se tateia “desesperadamente, mas, em estado de semicegueira, no encaço de um vocabulário adequado”. Cita Rousseau, que demonstra o início da percepção da insatisfação e vazio, de contradições que preenchem as vidas dos homens e mulheres que entravam na modernidade das vidas em cidades.

O tema das cidades como figura central da modernidade é retomado algumas aulas depois na cena inicial do filme Fausto, quando o diretor brilhantemente reproduz o a tela de Albrecht Altdorfer numa cena inteiramente construída por computação gráfica. Nesta obra cinematográfica vamos ao fim da última fase do modernismo, nas palavras de Nicolau Sevcenko “a síndrome do loop da montanha russa”, quando estaríamos tão desorientados e nos sentindo incapazes de prever, resistir ou entender “o atual período, assinalado por um novo surto dramático de transformações, a Revolução da Microeletrônica”.



A revolução micro eletrônica! O filme Her, também trabalhado em nossos encontros, mostra um sistema de computador projetado para ter sentimentos humanos, se relacionar e se apaixonar pelos seus consumidores. Traz à tona, em minha visão pessoal, o vazio das pessoas sozinhas nas cidades lotadas, vivendo em suas caixas de sapatos e se relacionando artificialmente por/com computadores.